

# Interativos Travessias

ESTUDOS LITERÁRIOS

## MEMORIALISTAS ANTIGOS: OS ANOS DE 1930

### ANCIENTE MEMORIALISTAS: THE 1930s

Afonso Henrique FÁVERO<sup>1</sup>

**RESUMO:** A literatura de memórias no Brasil alcançou já uma acentuada qualidade em nosso tempo. Mas nem sempre foi assim. Poucos autores importantes havia antes de um Graciliano Ramos ou um Pedro Nava. Neste artigo busca-se uma pequena abordagem de nomes surgidos nos anos de 1930, que de algum modo contribuíram para o desenvolvimento do gênero entre nós, ainda que suas obras não tenham atingido estofo artístico dos mais elevados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Humberto de Campos. Graça Aranha. Júlio Bello. Rodrigo Octavio. Medeiros e Albuquerque.

**ABSTRACT:** The literature of memories in Brazil has already reached a marked quality in our time. But it was not always so. There were few important authors before Graciliano Ramos or Pedro Nava. In this article, we seek a small approach to names that emerged in the 1930s, which somehow contributed to the development of the genre among us, even if their works did not reach the highest artistic heights.

**KEYWORDS:** Humberto de Campos. Graça Aranha. Júlio Bello. Rodrigo Octavio. Medeiros e Albuquerque.

Antonio Candido destaca que um impulso significativo para o desenvolvimento da literatura pessoal no Brasil foi o sucesso alcançado pelas memórias de Humberto de Campos quando de sua publicação nos anos de 1930. Sucesso de público e também algum sucesso de crítica, conforme podemos presumir pelas observações de Ruy Bloem: “Houve época, há cerca de dez anos, em que se publicaram, quase ao mesmo tempo, nada menos de quatro grandes livros de autobiografia ou de memórias [...]. O livro de Humberto de Campos é o mais notável de todos.” (BLOEM, s.d., p. 112). Os demais livros eram de Rodrigo Octavio,

---

1. Doutor em Literatura Brasileira pela USP. Docente do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFS). Email: afonsohenrique@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9186-6616>.

Oliveira Lima e Medeiros de Albuquerque. Nenhum, é possível dizer, que se destacasse por méritos literários mais acentuados, devendo-se o exagero da avaliação, provavelmente, à exígua presença de obras dessa natureza em nossa literatura da época.

Para o leitor de hoje, aquele enaltecimento a Humberto de Campos talvez se afigure excessivo; ou até mesmo incrível; mas o fato é que o autor alcançou em seu tempo momentos de bastante glória. Ainda sobre seu livro diz Ruy Bloem:

Se tivesse sido publicado na França ou na Inglaterra, teria dado uma fortuna ao seu autor e estaria, a estas horas, traduzido para todas as línguas, inclusive o português. Sendo verdadeiramente uma autobiografia, destacou-se pela sinceridade com que Humberto de Campos o escreveu, sinceridade que chega, às vezes, a comover o leitor. (BLOEM, s.d., p. 112-113).

Uma das razões do sucesso terá sido porventura a *sinceridade* apontada tanto por Antonio Candido quanto por Ruy Bloem. Uma sinceridade assim vinha associada a uma linguagem um tanto formal, um tanto pernóstica, que sempre teve público certo entre nós. Por isso, a impressão mais forte vinda de sua obra é que peca pelo excesso de imagens, metáforas, alusões, muito ao gosto parnasiano de baixa extração. Encontram-se, quase que a cada passo dos seus volumes de memórias, exemplos sem conta de matéria recordada que decaem para o pedagogismo tacanho, a começar pelo prefácio: “Escrevo a história da minha vida não porque se trate de mim; mas porque ela constitui uma lição de coragem aos tímidos, de audácia aos pobres, de esperança aos desenganados, e, dessa maneira, um roteiro útil à mocidade que a manuseie.” (CAMPOS, 1962a, p. 8).

Serão, pois, recorrentes os registros do contraste entre a infância pobre e a glória posteriormente conquistada. Menciono apenas dois, suficientes para oferecer uma idéia do conjunto:

[...] Senhoras de Parnaíba, então jovens, hoje matronas, tiveram, há trinta e três anos, a perna moça, e morena, comprimida por meias de dois fios, ou de um só, fabricadas por esta mão que devia, mais tarde, escrever livros alegres ou tristes, legislar para o seu país, e segurar, enluvada, por benignidade do Destino, o punho de ouro de um espadim acadêmico! (CAMPOS, 1962a, p. 372).

[...] Estava traçado nas folhas do Grande Livro em que os deuses lavram a missão final de cada criatura, que eu devia ser, um dia, escritor. Não podendo, pelas minhas condições de pobreza, visar diretamente esse fim, designaram-me eles outros caminhos, que foram ter, todavia, ao mesmo termo. (CAMPOS, 1962a, p. 453).

Mas para não ser injusto com o autor, dando a impressão de que a obra é inteiramente tomada por passagens como essas, é preciso assinalar que há também muitos momentos de interesse e qualidade, de bom humor, de detalhes curiosos, narrados com graça. Vale a pena acompanhar, por exemplo, no volume *Memórias inacabadas* as notas sobre Sousândrade na condição de freguês da mercearia em que trabalhava o autor quando menino, na capital do Maranhão:

[...] Sousândrade entrava na mercearia, inclinava a cabeça, sorridente, num cumprimento a cada um, e, mesmo de pé, fazia a sua pequenina encomenda delicada: uma lata de espargos, um pouco de queijo, sardinhas de Nantes, e tâmaras ou ameixas. Sortimento para oito ou dez mil réis, que um empregado levava à quinta, e que ele, semanas depois, vinha pagar, com as cédulas miúdas e os níqueis rigorosamente contados. A sua freguesia não dava lucro. Mas enchia de orgulho a casa (CAMPOS, 1962b, p. 18-19).

Em linhas gerais e em função do distanciamento que o tempo proporciona, as memórias de Humberto de Campos podem ser vistas como obra de alcance artístico muito limitado, mas que possuem o mérito nada desprezível de ter cumprido em sua época o importante papel de ajudar a abrir caminhos mais amplos para um tipo de produção literária pouco vista nas letras brasileiras.



Vêm a público em 1931 as memórias inacabadas de Graça Aranha, sob o título de *O meu próprio romance*. Trata-se, desse modo, de mais um daqueles casos em que a morte colhe o autor durante a tarefa da escrita. Obra projetada para quatro volumes, restaram somente algumas dezenas de páginas em que o escritor maranhense narra a infância em São Luís durante a segunda metade do século XIX, a vida familiar, a formação escolar e intelectual sob a supervisão de vários mestres (inclusive e sobretudo a do próprio pai) e o ingresso na Faculdade de Direito do Recife, antes de completar quatorze anos de idade.

Diante do que poderia ter sido o conjunto das suas memórias, o que ficou é pouco, quase que apenas um esboço, mas suficiente para oferecer uma ideia da concepção a nortear a sua elaboração. E Graça Aranha situa-se entre os escritores que apresentam, por assim dizer, uma visão suntuosa de si mesmos. Nesse sentido, assemelha-se a Humberto de Campos e outros mais que se empenham em tratar da própria grandeza. “A minha vida tem sido a perfeita harmonia entre as ideias e os atos. Realizei e vivi o meu pensamento. Se tal exemplo

concorrer para a libertação de outros espíritos, será isto um magnífico feito humano” (ARANHA, 1996, p. 29). Não faltam vários outros exemplos na mesma direção. O mais sugestivo, no entanto, em relação a tal perspectiva elevada é quando o autor põe-se a narrar um episódio de inesperada frustração na vida escolar:

[...] Que decepção tive quando no exame de Geografia o meu ponto escrito foi a velha Áustria, e, o de oral, a conhecidíssima Alemanha. Eu que era um turuna das terras novas, selvagens, terras do futuro! Tive de me resignar a escrever sobre o moribundo império austro-húngaro, mas no exame oral evadi-me da Alemanha para a Astronomia. O ponto de partida foi habilmente procurado, quando, descrevendo os reinos do império germânico toquei no Württemberg. Falei na cidade de Wief. Foi aí que nasceu Kepler. Expus de cor as suas famosas leis e pedi para escrever as suas fórmulas na pedra. Sabi-as na perfeição. Podia deduzi-las, o que fiz diante do auditório surpreendido. Apesar desse brilharete, não me deram a distinção cobiçada e assegurada pela minha aplicação. Deram-me *plenamente* por causa do meu deficiente exame escrito. Nunca mais perdoei a Áustria, culpada do desastre. Vinguei-me dela e da Alemanha na guerra mundial. Foi até hoje a maior humilhação da minha vida. Eu, o menino atilado e estudiosíssimo, filho e discípulo do maior professor de Geografia e Astronomia da cidade, não ter distinção, era de morrer de vergonha. Entrei em casa em prantos. Foi uma choradeira geral de minha mãe e dos inconscientes da casa, meus irmãozinhos e dos criados. Meu pai escondeu superiormente a sua tristeza. O espírito da vitória insuflou-me sempre. Todo e qualquer insucesso me tortura indefinidamente. Ainda hoje, depois de tudo que venci na vida, a lembrança desse longínquo e insignificante desastre me aborrece. Quando penso nele, sinto ainda vergonha do menino de doze anos, que eu era então (ARANHA, 1996, p. 59-60).

Chama a atenção a respeito desse episódio, entre outras coisas, a denominação de “insignificante desastre”, cuja reparação dar-se-ia com o advento de uma guerra mundial! Exageros à parte, não deixa de ser sintomática a manifestação acentuada, ressentida e traumática de uma vicissitude tão comum na vida de qualquer estudante. E o mais grave nem seja talvez o sentimento de malogro que dominou o menino mimado, mas a sua permanência no homem vetusto que empreende uma viagem ao passado. Esse caso faz pensar numa sensibilidade ferida em seu orgulho, sempre voltada para o “espírito da vitória” e a ela habituada. Quando esta não chegava na medida desejada, só poderia haver mesmo espaço para a sensação de solapamento.

Também associada ao ímpeto de vencer, sobressai-se a inclinação para a liderança. Note-se que a proeminência de condutor máximo que Graça Aranha vislumbrava em sua participação na Semana de Arte Moderna e no próprio Movimento Modernista (visão, di-

ga-se, sem unanimidade entre vários membros do movimento) tem paralelo em atividades infantis, reveladores do desejo de orientar os pares. Sobre um quintal em que se agrupava a meninada, diz o autor: “Ali nos reunimos, todas as tardes, uma tropilha de crianças, as de casa, minhas irmãs e meus irmãos, as da vizinhança e os moleques e as negrinhas, crias das famílias. Eu era o chefe do grupo e sob minha inspiração inventavam-se as brincadeiras” (ARANHA, 1996, p. 50-51).

Além dessa abundante matéria sobre os próprios méritos, Graça Aranha dá notícias de outras figuras que tiveram relevância em sua vida. São dignas de interesse as páginas sobre o vínculo com a Faculdade de Direito. Poucas páginas, aliás, pois justamente nelas encerram-se as suas memórias. De todo modo, podemos ainda acompanhar a exaltação colossal a um mestre ilustre:

[...] Ninguém trouxe tamanha contribuição à cultura neste País. Pela vastidão da inteligência, pela atualidade da orientação, pelo realismo no pensamento, pela instrução dos novos valores científicos e literários, pelo desassombro, pela dialética, Tobias Barreto foi o maior homem do Brasil até hoje, não excedido, nem igualado por nenhum outro (ARANHA, 1996, p. 102).

Novamente a ênfase no talento transcendente, não por acaso do professor a quem admirava e com quem muito se identificava. Após assistir às provas do concurso que consagrou Tobias Barreto no Recife e às manifestações de apoio de estudantes e lentes ao novo mestre, o jovem acadêmico informa que se atirou em seus braços e dele recebeu apoio generoso. Assim conclui a influência sofrida: “São passados mais de quarenta anos desse grande choque mental, e ainda ressinto em mim as suas inefáveis vibrações. Por ele saí dos nevoeiros de uma falsa compreensão do Universo e da Vida. Por ele afirmei a minha personalidade independente e soberana” (ARANHA, 1996, p. 100).

As memórias de Graça Aranha pertencem a uma linhagem de nossa literatura que reúne certos nomes: Joaquim Nabuco, no passado; Humberto de Campos, entre os seus contemporâneos; e Afonso Arinos de Melo Franco, que viria para o futuro. Não se trata propriamente de defeito esse vezo de referir-se sistemática e elevadamente a si mesmos. Antes de tudo, deve ser tomado como uma característica de tais autores, até porque foram figuras de reconhecido valor. Mas quanta diferença entre os seus arroubos de eminência e sobranceira, de um lado; de outro, a visão crítica, difícil, contundente e profundamente humana de um Lima Barreto, um Graciliano Ramos, um Oswald de Andrade, um Érico Veríssimo! É como se os primeiros se percebessem portadores de uma aura heroica, de uma capacidade

de sobrepujar as adversidades de toda ordem. Ufanam-se com suas conquistas, arrostam os descompassos, parecem imbuídos de um sentimento épico diante da vida. Ao passo que os outros autores apresentam propensão mais dramática e mais problematizada para figurar suas trajetórias biográficas, o que os torna de algum modo semelhantes aos heróis da ficção de nossa época, aqueles que sofrem os desequilíbrios incontornáveis entre suas aspirações e a realidade do mundo.



Também de grande significado na década de 30 é a obra do pernambucano Júlio Celso de Albuquerque Bello, *Memórias de um senhor de engenho*, concluída provavelmente em 1935, segundo data que o autor registra em nota. A primeira edição é de 1939, conforme aparece nas indicações bibliográficas de *Casa-Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre.

Como indica o título, a matéria principal aqui será o universo rural voltado para a produção do açúcar. A partir desse quadro geral, o autor passa a expor com simpatia e elegância de estilo sua visão a respeito dos aspectos ligados a tal universo, numa narrativa que faz o seu leitor pensar em antecedentes e pósteros ilustres, como *Minha formação*, de Joaquim Nabuco, entre os primeiros, e *História de minha infância*, de Gilberto Amado, e *Meus verdes anos*, de José Lins do Rego, entre os últimos. Conjugada à trajetória do autor, a obra traz notícias de seus antepassados, de antigos e coevos senhores de engenho, da decadência que estes conheceram, das festas religiosas e folclóricas da região e de tudo o mais de que trata um bom livro de memórias.

Júlio Bello nasceu em 1873, cresceu no Engenho Queimadas em seu estado natal, estudou em Recife e um pouco no Rio de Janeiro, e, embora não se tenha graduado em nada, era patente a boa formação humanística que possuía, manifestada pelo conhecimento de bons autores e sobretudo pela sua escrita apurada. Exerceu o jornalismo, entrou na política, chegou a governador interino de Pernambuco. Voltou, porém, à casa-grande do engenho familiar, sucedendo ao pai nessa atividade, que se revelou a sua verdadeira vocação na vida.

O livro de Júlio Bello é marcado “por um sentido telúrico de Pernambuco e do Nordeste”, para utilizarmos os termos de Gilberto Freyre (1962, p. 68). Traz por isso um retrato bastante afetivo e cheio de interesse humano daquela paisagem, evidenciando também dessa forma o parentesco que suas memórias apresentam com a ficção brasileira de cunho regionalista que floresceu no Nordeste a partir dos anos 30. O apego do autor ao seu torrão

pode ser constatado em muitas passagens da obra, a começar pelo espaço físico do engenho e mais particularmente o da casa que habitou quase que durante a vida toda:

Neste engenho, dentro da velha casa onde escrevo estas “Memórias”, a bem dizer nasci. Abriram-se-me aqui os olhos para as primeiras coisas da vida tão pequenino vim de Tentugal. Aqui me casei. Aqui morreu meu pai. Minha mãe saiu daqui quase morta para morrer em Barreiros. Tudo nesta casa secular me evoca uma lembrança do passado. A maior felicidade de minha vida é viver ainda nela e minha maior esperança é morrer sob o seu teto. Ela é desgraciosa, acachapada, sem nenhuma garridice na sua decrepitude, mas não tenho ânimo de modificá-la em nada. Reputaria um sacrilégio tocar-lhe as velhas paredes, as telhas limosas, o bizarro sistema de coberta (BELLO, 1985, p. 25).

Compreendemos que essa adesão ultrapassa o puro sentimento de propriedade para alcançar dimensões mais transcendentais, de real imersão espiritual naquele mundo. É daí precisamente que resulta a validade desse depoimento de Júlio Bello, inclusive porque nele pressentimos uma fidelidade incomum na sua visão de mundo. Naturalmente a posição de classe e os valores estão alinhados com o sistema social em vigência. O autor preza a propriedade, o mando, a disciplina, encara a divisão social como fenômeno inerente ao mundo etc. O curioso é que, embora identificado com uma estrutura baseada na desigualdade, sua postura de humanista não fica obscurecida.

Objetivamente examinada por olhos mais progressistas, sua posição seria comparável à de qualquer conservador renitente. Critica o término da escravidão nos termos em que foi feita: “E a abolição veio mesmo estouvadamente, desorganizando em muito a vida no campo, sem prévio preparo, sem indenização e por isto como um grave erro administrativo” (BELLO, 1985, p. 47). Critica a Revolução de 30, movimento que pôs fim à República Velha, período não caracterizado propriamente pelas liberdades democráticas, como se sabe:

Essa situação de desgoverno, de insegurança, e de perseguições políticas, que sucedeu à revolução de 30, entibiou o ânimo de muitos proprietários agrícolas, que se sujeitavam a absurdas imposições sem discuti-las, algumas vezes para evitarem maiores prejuízos e puderem desfrutar relativa paz com suas famílias (BELLO, 1985, p. 183).

Critica a modernização na produção do açúcar: “Das margens do Tapiruçu até Barreiros viaja-se quase em terras industrializadas. Um ou outro teimoso representante das famílias tradicionais nas casas-grandes restantes, como últimos abencerragens da classe” (BELLO, 1985, p. 59). Critica, por fim, a marcha feminina rumo a posições mais igualitárias em relação aos homens: “A mulher fuma, a mulher vota, a mulher é elegível, a mulher militari-



za-se, invadindo assim as grosseiras atribuições masculinas: perde com isto aquele misterioso encanto que o recato antigo lhe assegurava” (BELLO, 1985, p. 92). Juízos assim exemplificam sua perspectiva infensa a transformações. Mas bem pesadas as correspondentes motivações, veremos que o autor não se conduz por um desejo de dominação arbitrária, como seria lícito, em princípio, acreditar. Não houvesse por parte dele justificação sensata no texto de seus propósitos, a simples disposição humana que sua prosa faz transparecer já consistiria num sobreaviso ao leitor a fim de que não concluísse apressada e negativamente a respeito de suas posições. Porque essas posturas obscurantistas deixam de sê-lo, ou pelo menos perdem muito de sua ignomínia, quando contextualizadas adequadamente, vistas sob a óptica da conduta intelectual e afetiva do autor. Obviamente não se trata de defender seus pontos de vista, mas apenas evitar um enfoque simplista que neles veja somente a índole iníqua e perversa das relações humanas desiguais. Sua profissão de fé vai, aliás, em direção contrária:

A época que vamos vivendo é evidentemente, no conceito de todos, uma era de transição: um mundo novo se prepara e há de surgir dessa inquietação incessante, dessa elaboração surda de idéias que refervem e agitam as nações como os rumores subterrâneos fazem tremer a terra antes das erupções vulcânicas. À sabedoria dos governantes e dos legisladores está entregue o destino da civilização.

Um mundo novo, onde a equidade e a justiça imperem, melhorará por certo a sorte da humanidade. Todos devem ter direito a um quinhão de felicidade na existência. A fartura e a felicidade deixarão de ser um privilégio de reduzido grupo de homens para ser um bem universal. Tudo tem de ser saneado, consertado, ajustado dentro da razão e do equilíbrio, da justiça e da bondade humana (BELLO, 1985, p. 185).

Júlio Bello provavelmente não desejaria abolir as bases do sistema em que estava inserido. Gostaria de ver, por certo, menos injustiças, algumas reformas, população mais feliz. Tudo, porém, feito de forma ordeira, sem extremismos, sem confiscos, com crença na “bondade humana”. Podemos apontar os paradoxos de suas expectativas, sim. O que não se pode, parece-me, é desqualificar antes de qualquer consideração as suas posturas, imputando-as como ingênuas, interesseiras ou comodistas. Julgo, aliás, que o interesse despertado por suas memórias tem muito que ver com essa cisão de base, que é um dos elementos a orientar a organização do texto.

Tem razão José Lins do Rego ao afirmar em prefácio – datado de julho de 1938 – que “o livro de Júlio Bello é qualquer coisa de novo em nossa literatura de memórias, tão pobre de bons livros.” (REGO in BELLO, 1985, p. XIX). *Memórias de um senhor de engenho* é, sem dúvida, um dos que contribui para a superação desse quadro de escassez.



De Rodrigo Octavio vieram memórias pessoais, *Coração aberto*, de 1934, e também uma obra com suas lembranças de pessoas com quem conviveu na virada do século XIX para o XX. Trata-se de *Minhas memórias dos outros*, publicadas uma primeira série em 1934, e posteriormente lançada em três volumes. Por focalizar figuras que alcançaram relevo no plano intelectual e nas letras, essa sua obra contém um estimável valor para o conhecimento de aspectos da vida literária no Brasil. Bastaria tomar o capítulo sobre Machado de Assis para aquilatar o interesse de tais lembranças:

Trabalhador constante, Machado nunca falava do livro em que estava trabalhando, cujas provas estava mesmo revendo. Até para seus mais próximos amigos, excluído talvez, nos últimos tempos, apenas Mário de Alencar, o aparecimento nas livrarias de um novo romance de Machado, era sempre uma surpresa.

Raros souberam, como ele, guardar a ativa dignidade, o recato, o pudor mesmo do obreiro do pensamento e da palavra.

Machado não tinha saúde. Sofria de uns ataques que o prostravam subitamente. Teve-os uma vez na própria livraria Garnier, entornando pânico entre os circunstantes; mas não tenho ideia de o ter sabido de cama. Deitou-se para morrer. Não foi no seu quarto de dormir, no sobrado de sua casa, que morreu, mas em pequeno quarto que dava para a sala de jantar. Não lhe faltaram cuidados. De família tinha apenas uma sobrinha, casada com um oficial do Exército. Não lhe faltou, porém, o constante conforto de amigos e a casa esteve sempre cheia de senhoras, de sua grande estima, antigas moradoras nas vizinhanças dele e que se revezaram na dispensa dos mais carinhosos cuidados que seu estado exigia.

Morreu perfeitamente lúcido. Fui testemunha desse trágico momento. Machado se afligia do incômodo que sua demorada agonia estava dando a seus amigos. Olhava-nos compungido; dominava a expressão das dores que sofria para não nos afligir mais; e, quando podia articular umas palavras, era para pedir desculpas da demora que estava tendo naquele fim... (OCTAVIO, 1979, p. 71-72).

*Minhas memórias dos outros* deixaria assim um legado que viria a refletir-se em obras futuras, como, por exemplo, *Na casa dos quarenta* (1967), de Josué Montello. Ali o autor maranhense também esteve empenhado em abordar a figura de escritores de sua convivência, mais especificamente no caso aqueles que pertenceram à Academia Brasileira de Letras, da qual ele chegou a ser presidente. Nessas obras dos dois autores, vamos nos deparar com narradores ocupando mais um segundo plano, e por isso nem sempre diretamente en-

volvidos com os episódios de que tratam, pois o propósito maior seria registrar histórias de seus próximos como também de suas épocas.

Em texto na segunda e terceira capas da obra de Rodrigo Octavio, Américo Jacobina Lacombe traz ponderações que correspondem ao sentimento geral quanto aos escritos autobiográficos entre nós:

O gênero *memórias* era, até bem pouco tempo, extremamente escasso em nossa literatura. [...] Quando Rodrigo Octavio lançou sua primeira série de recordações, em 1934, a obra ainda apresentava certa singularidade. A repercussão, naqueles dias que já parecem longínquos (ai de mim, posso testemunhar) foi enorme. Em breve esgotaram-se os volumes das três séries. Não se tratava somente do interesse pelos fatos narrados. Era o tom da narrativa: despretensioso, fluente, vivo, e sem qualquer traço de amargor. (LACOMBE In OCTAVIO, 1979, 2ª capa).

Ao lado das outras obras já referidas dos anos 30, representa, pois, essa de Rodrigo Octavio mais um impulso substancial para a disseminação desse tipo de escrita pessoal junto ao público leitor na literatura brasileira.



*Quando eu era vivo*, de Medeiros e Albuquerque, reúne os dois volumes de *Minha vida*, lançados em 1934. Com algumas supressões e acréscimos fixados pelo autor, a obra foi assim concebida para ser a edição definitiva de suas memórias.

Trata-se de um livro capaz de despertar interesse, de prosa lépida, repleto de histórias povoadas por figuras importantes das últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, como políticos, escritores, jornalistas e intelectuais daquele período. Conheceu, por exemplo, todos os mandatários da nação, de Pedro II a Getúlio Vargas, e trabalhou com alguns deles em cargos de relevo. Membro da Academia Brasileira de Letras, conviveu com os principais escritores de sua época.

O projeto para suas memórias previa a publicação em livro apenas após sua morte. Afirma em prefácio que foi convencido por seu editor a publicar ao menos a parte dos escritos que comportassem matéria menos obscena: “Mesmo na parte que ora publico tive de fazer várias supressões. Nas outras, as indiscrições seriam prematuras. Ficam para daqui a dez anos...” (ALBUQUERQUE, 1981, p. 8). De fato, há na edição definitiva um denominado “O capítulo dos amores”, em que Medeiros e Albuquerque alude a inúmeros casos amorosos

de que foi protagonista, sobretudo quando residiu, sem a família, em Paris, à época da Primeira Guerra Mundial. São histórias de conquistas de um número exagerado de mulheres por meio de um método desenvolvido por ele próprio, que em algumas situações chegava a incluir até a prática do hipnotismo. A verdade é que tais histórias do Casanova brasileiro beiram a tolice pela maneira de apresentar os seus enredos pretensamente lúbricos. De modo preventivo, o autor já deixa uma resposta aos possíveis críticos de suas aventuras: “Por outro lado, eu desprezo em vida, e desprezarei, portanto, muito mais depois de morto, o juízo dos burgueses honestos, que me censurarem por causa deste capítulo” (ALBUQUERQUE, 1981, p. 352). Não se trata aqui de censurar o capítulo, que poderia até vir a ser um bom capítulo nas mãos de um escritor experimentado, mas de dizer que suas memórias, que no geral vinham numa boa cadência expositiva, decaem muito quando se voltam para essas supostas tramas. O teor dessas confissões pode ser melhor percebido com um exemplo:

Quando cheguei a Paris e comecei a viver a meu modo, atirei-me freneticamente a ele. Frenesi de colecionador. Tinha o desejo de conhecer o maior número possível de mulheres. Adotei então a divisa daquele personagem de Alphonse Daudet: “Pas de lendemain!” Não repetir nenhuma! E ia acumulando as experiências e contando, como um jogador de bilhar que marca as boas tacadas: 50, 100, 200, 400... Mas pela altura das quatrocentas e tantas, o que levou pouco mais de um ano, porque, com pequenas exceções, era quase à razão de uma experiência por dia, mudei de orientação e passei a amores mais interessantes. Certo dia, eu li que D. Juan, gabando-se de ter tido 1.003 amantes, fora um preguiçoso... De fato. Dedicando-se unicamente às seduções, indo das criadas às princesas, vivendo nesse torvelinho mais de vinte anos – só ter tido 1.003 amantes é uma miséria (ALBUQUERQUE, 1981, p. 371).

É provável que o autor tenha escrito despropósitos assim, crendo divertir-se ao imaginar leitores chocados com revelações dessa natureza. Ou provável ainda que tivesse a intenção deliberada do exagero para demonstrar que há uma propensão humana em acreditar em qualquer coisa e assim justificar suas propaladas teses antirreligiosas, pois no apêndice do livro, após um breve recenseamento das principais religiões do mundo, diz o seguinte: “Assim, dos vários deuses que disputam a imbecilidade dos crentes, nenhum tem maioria” (ALBUQUERQUE, 1981, p. 442). Seja como for, verdadeiras ou não, as histórias desse capítulo dos amores conseguem apenas revelar uma literatura de baixa categoria, destoante da maioria dos demais capítulos de sua obra. Como são memórias póstumas, não é de duvidar que desejou homenagear o romance do amigo Machado de Assis, ao também distribuir, à sua maneira, uns piparotes no leitor recatado.

Mais importante para a discussão sobre o avanço que a década de 30 representa para os escritos autobiográficos é a informação que Medeiros e Albuquerque oferece ao reproduzir o que lhe afirmara seu editor: “Diz-me ele que o público está neste momento mostrando uma certa avidez por memórias e biografias. E entre os numerosos exemplos, que me citou, aludiu ao livro magnífico de Humberto de Campos, em que este contou as memórias dos seus primeiros anos” (ALBUQUERQUE, 1981, p. 7). Dessa forma, confirmam-se uma vez mais a proeminência de Humberto de Campos no período e o interesse do público pelo gênero.

### Referências

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

ARANHA, Graça. *O meu próprio romance*. 4. ed. São Luís: Alumar, 1996.

BELLO, Júlio Celso de Albuquerque. *Memórias de um senhor de engenho*. 3. ed. Recife: FUNDARPE - Diretoria de Assuntos Culturais, 1985. (Col. Pernambucana - 2a. fase).

BLOEM, Ruy. *Palmeiras no litoral*. São Paulo: Martins, s.d.

CAMPOS, Humberto de. *Memórias*. São Paulo: Mérito, 1962a.

CAMPOS, Humberto de. *Memórias inacabadas*. São Paulo: Mérito, 1962b.

OCTAVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978/1979.

OCTAVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros* (nova série). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978/1979.

OCTAVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros* (última série). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1978/1979.